

## DEZ LIVROS DE POESIA DE ANDERSON BRAGA HORTA

De 1971 a 2000, Anderson Braga Horta publicou os livros de poesia que o consagraram como um dos mais eminentes poetas brasileiros: Altiplano e Outros Poemas (Brasília, 1971), Marvário (Brasília, 1976), Incomunicação (Belo Horizonte, 1971), Exercícios de Homem (Brasília, 1978), Cronoscópio (Rio de Janeiro, 1983), O Cordeiro e a Nuvem (Brasília, 1984), O Pássaro no Aquário (Brasília, 1990), Quarteto Arcaico (Jaboatão dos Guararapes, 2000), Fragments da Paixão (São Paulo, 2000) e Pulso (São Paulo, 2000).

Não se pode compreender o pensamento de Anderson Braga Horta sem recorrer-se às suas idéias sobre Brasília, que Anderson chama de Capital da Esperança. Em Brasília, o poeta cultivava a amizade dos poetas e escritores da Associação Nacional de Escritores, da Academia Brasiliense de Letras e da Academia de Letras do Brasil, as três agremiações culturais de prestígio a que pertence.

Herdeiro da metafísica de Orfeu, Anderson Braga Horta cultivava o gosto pela poesia e pela música, e é, também, um poeta do amor fraterno. No que tange à ciência órfica, o poeta canta os mistérios da noite, que simboliza a obscuridade mais antiga que povoa a mente humana: “A noite é quem recolhe essa mais fluida/ secreção da alma: o sonho. Ou, antes, a alma/ em movimento, o ser, que, sendo, cuida/ de fazer-se, recriar-se em louro e palma”./ Transpira em seu estro a força de uma esperança transcendental: “vive-se o dia para a noite escura/que do clarão do sonho se ilumina”.

A temática familiar está presente em sua poesia, no lirismo de intimidade afetiva que ressalta sua mais alta expressão confessional. Os poemas “Criança Chorando” e “Minha Filha”, escritos com o mais generoso sentimento humano.

No livro Incomunicação, de conteúdo eminentemente existencialista, o poeta questiona os conceitos da realidade vital: a vida humana, a verdade, a beleza, o amor e a natureza, temas eternos da elucubração de todos os tempos. No “Soneto Amargo”, define a angústia como “saudade ancorada no meu pranto”. Assustado pela consciência de que “o nosso tempo gerou monstros ilógicos”, teme a dor de saber-se “estrangeiro em qualquer terra”. A vida apresenta-lhe um enigma permanente: “em vão procuro o mistério além pressentido”. O drama da incomunicação que o aflige torna-o “duro, seco e sem romantismo”.

Em Exercícios de Homem, o poema “Noturno” mostra, também, o emprego do símbolo *noite* em dicotomia com o seu antípoda. Se “toda violência maquina-se no escuro”, também “extrema violência -- no ventre noturno arquiteta-se a rutila explosão do Dia”. O Dia representa o alvorecer

do novo tempo, projetado pela esperança humanista. Sua visão, portanto, é confiante, jamais derrotista. Sua poesia afirma e profetiza a vitória dos valores construtivos e expressa confiança na viabilidade da utopia. “Se a tarde, pois, declina em treva densa,/ e tarda o novo sol, que nos importa?/ -- uma utopia está em nós, fazendo-se.”

Em Cronoscópio (1983), Anderson perscruta as horas, o tempo a fluir em si mesmo num pêndulo que lateja “rios turvos na memória”. A respeito da missão do poeta, diz que “é na alma que brilham-lhe as estrelas”. E assim define a versatilidade de sua emoção transfigurada: “Tudo cabe no poema - o claro, o escuro/ o cinza, afinidades, dispersão/ fúrias, mares, exílios, natureza”. Com efeito, o poder evocatório, a dinâmica das imagens e a contenção verbal se verificam na qualidade da sua variedade estilística, que percorre diferenciados ritmos e temas. Sua fabulação imagética perquire, com angústia e sede de verdade, as vicissitudes da condição humana.

Com O Pássaro no Aquário, a poesia de Anderson Braga Horta adquire o cromatismo dos mais puros metais. A temática do poema que dá título ao livro é a circunstância existencial do homem, oriundo das constelações e íntimo do nada. Telúrico e astral. Raiz e asa. Em seu mergulho no enigma da vida, sabe-se pássaro recluso na caverna do aquário. Pássaro de plumas e escamas, desenraizado, sente-se perdido na guerra da preservação e da ultrapassagem de seus limites constrangedores: “como no pântano o santelmo, como a lesma de antenas para o espaço”.

A respeito de Quarteto Arcaico, João Carlos Taveira observa, entre outras coisas, a sua vocação humanista: “sempre voltada poeticamente para os reais valores do Homem, na construção de um mundo mais justo, mais generoso e mais fraterno”.

Kori Bolívia diz admirar as sempre “nuevas imágenes fundiendo y refundiendo palabras, recreándolas. En sus poemas, la metáfora lírica fluye cual manantial tranquilo que a veces encuentra paisajes pedregosos y nos emociona, nos lleva a experimentar sentimientos antiguos en nosotros mismos. Es una poesía rica y a veces sensorial y otras racional, pero un racional que sueña siempre y se pregunta sobre sí mismo haciéndonos partícipes de sus otros yos, ésos que también pueden repetirse en cualquiera de nosotros”.

José Jeronymo Rivera observa a mestria habitual de ABH nas suas inúmeras figuras de linguagem. “Belos hipérbatos, enálages, apossínclises, epímones, sinestésias e antíteses, entre outros recursos expressivos, que se juntam a felizes arcaísmos e metáforas para compor uma pequena obra-prima de bom gosto e delicadeza. A proeza se repete nos demais poemas”. No capítulo intitulado “A Cabeça de Orfeu”, o poeta prolifera sentenças que são achados de concepção maetafísica, relâmpagos desveladores de mistérios. As reflexões destes epigramas prefiguram as indagações

fundamentais do espírito. Imersões no insondável de sua profundidade. O poema “No Grande Mar” resume a filosofia de vida deste cantor da fraternidade: “No grande mar, sem ilhas,/ encobertos os astros,/apagadas as bússolas,/inútil o astrolábio,/a única referência / de um barco é outro barco./ Naveguemos juntos.”

O poeta é um hierofante de Orfeu, a entoar as antífonas do Verbo Vivo que o convida à ascensão ao ponto ômega. No poema “Contraponto”, ele percebe, em êxtase contemplativo, a “ânsia azul”, que é um maravilhoso anelo “de ser somente luz, acima, imensidade”. A verdade esotérica de Orfeu ganha voz na vidência do aedo místico: “somos feitos da mesma seiva de luz dos astros”.

Fragmentos da Paixão congrega oito livros que constituem a maior parte de sua obra poética. Na edição, aos seus sete primeiros livros de poesia Anderson agregou o formidável Auto das Trevas, poema dramático de absoluta síntese, que entrega ao sol da verdade o problema da injustiça social.

Pulso é um livro repleto de epigramas e cantos; luzeiros em forma de poesia. Os textos confirmam a versatilidade com que o autor maneja os elementos da composição, a mesma habilidade com que Anderson perscruta a alma humana, a Natureza e o mundo com sua peculiar argúcia de artífice da palavra. Une as cogitações do inefável às vicissitudes do cotidiano, alma e memória a um só tempo embevecendo-se com a música do mundo e abominando a miséria do mundo. Eis a generosa voz do poeta a serviço dos humaníssimos princípios, que o verbo poético transfigura em metáforas instigantes.